

Artigo

O mundo social e a criança: análise a respeito do discurso de um grupo de crianças sobre gênero, política e poder de consumo

The social world and the child: analysis of the discourse of a group of children on gender, politics and consumer power

Vagner Magalhães dos Santos^{1*}, Naiara dos Santos Nienow²

Citação: Santos, V. M. dos; Nienow, N. dos S. O mundo social e a criança: análise a respeito do discurso de um grupo de crianças sobre gênero, política e poder de consumo. *RBCA* 2024, 13, 3, p.229-235.

Editor de Seção: Dra. Karen Janones da Rocha
Recebido: 11/07/2024
Aceito: 17/08/2024
Publicado: 02/09/2024

Nota do editor: A RBCA permanece neutra em relação às reivindicações jurídicas em sites publicados e afiliações institucionais.



Copyright: © 2024 pelos autores. Enviado para possível publicação em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY) (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

¹ Universidade Federal de Rondônia/ Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Ji-Paraná, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2820-3829>, vagner.jipa.20@gmail.com

² Universidade Federal de Rondônia/ Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Ji-Paraná, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8291-3844>, naiara.nienow@unir.br. Julia Faé de Jesus

³ Universidade Federal de Rondônia/ Departamento de Engenharia Ambiental - Ji-Paraná

* Correspondência: vagner.jipa.20@gmail.com

Abstract: Children are active social agents who produce and reproduce in their peer cultures behaviors, attitudes and speeches that are part of the social scenario in which they are inserted. Therefore, their narratives can adhere to, transgress or reframe what is said by adults. In this way, this article aims to reflect on the narratives regarding the themes gender, politics and purchasing power in the speech of children between eight and ten-years-old who attended the same class of the 3rd year of elementary school in a municipal public school. The theoretical foundation consulted to analyze the themes that children addressed in their conversations with peers was Duveen (2013), Baliscai (2022), Casteleira and Maio (2021), Moscovici (2015) and Corsaro (2009; 2011). The methodology used was the case study and the narratives analyzed are the result of participant observation that make up the bank of information generated during the field research that resulted in the course completion work Social representations of school, home and street shared by a group of children from Ji-Paraná, Rondônia, Brazil (Santos, 2023). Among the subjects that were treated by the children in their free and spontaneous interactions, without the mediation of an adult, the themes of gender, politics and consumption power stand out. It was also possible to observe that when a child presented his argument, the others listened and then problematized, and each one felt free to express what they agreed or not. In addition, this study allowed us to perceive the school as a latent space that allows the encounter of diversities, as well as the tendency of this group of children to demonstrate a movement of inclusion and empathy with the other. Finally, the observed and analyzed narratives reinforced the indication of children as active social subjects and protagonists of their school experiences.

Keywords: Peer Culture; Infancy; School.

Resumo: As crianças são agentes sociais ativos que produzem e reproduzem em suas culturas de pares comportamentos, atitudes e discursos que fazem parte do cenário social em que estão inseridas. Portanto, as suas narrativas podem aderir, transgredir ou ressignificar o que é dito pelos

adultos. Dessa forma, este artigo tem como objetivo refletir sobre as narrativas a respeito das temáticas gênero, política e poder de consumo no discurso de crianças entre oito e dez anos de idade que frequentavam a mesma turma do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal. A fundamentação teórica consultada para analisar as temáticas que as crianças abordavam em suas conversas entre pares foi Duveen (2013), Baliscai (2022), Casteleira e Maio (2021), Moscovici (2015) e Corsaro (2009; 2011). A metodologia utilizada foi o estudo de caso e as narrativas analisadas são fruto da observação participante que compõe o banco de informações geradas durante a pesquisa de campo que resultou no trabalho de conclusão de curso *Representações sociais de escola, casa e rua compartilhadas por um grupo de crianças da cidade de Ji-Paraná/Rondônia* (Santos, 2023). Dentre os assuntos que eram tratados pelas crianças em suas interações livres e espontâneas, sem a mediação de um adulto, se destacam as temáticas gênero, política e poder de consumo. Também foi possível observar que quando uma criança apresentava a sua argumentação, as demais ouviam e, em seguida, problematizavam, e cada qual se sentia à vontade para manifestar com o que concordava ou não. Além disso, este estudo permitiu perceber a escola como espaço latente que possibilita o encontro das diversidades, bem como a tendência desse grupo de crianças demonstrarem um movimento de inclusão e empatia com o outro. Por último, as narrativas observadas e analisadas reforçaram o indicativo das crianças enquanto sujeitos sociais ativos e protagonistas de suas vivências escolares.

Palavras-chave: Cultura de Pares; Infância; Escola.

1. Introdução

O presente artigo trata-se de um fragmento de uma pesquisa maior, em que serão apresentados dados e discussões a respeito das temáticas gênero, política e poder de consumo no discurso de crianças entre oito e dez anos de idade em uma turma do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal. O recorte apresentado discorre a respeito da observação participante, referente ao trabalho de conclusão de curso intitulado *Representações sociais de escola, casa e rua compartilhadas por um grupo de crianças da cidade de Ji-Paraná/Rondônia* (Santos, 2023).

Deste modo, buscou-se discorrer e problematizar no decorrer do texto as seguintes indagações em relação aos assuntos que pautavam os diálogos das crianças: Como a dicotomia de gênero tem impacto nas discussões cotidianas de um grupo de crianças em suas relações de pares, na cidade de Ji-Paraná? Como os discursos políticos e sociais são reproduzidos em sua cultura de pares? E qual o movimento predominante deste grupo de crianças em relação ao outro? É um movimento inclusivo ou de exclusão?

Para problematizar, refletir e argumentar os dados produzidos a partir da observação participante, recorreu-se a Duveen (2013), Baliscai (2022), Casteleira e Maio (2021), Moscovici (2015) e Corsaro (2009; 2011). Em Duveen é frisada a representação social de gênero desde o nascimento da criança; já em Baliscai aponta-se como é realizada a inculcação da dicotomia de gênero por meio de elementos, produtos etc., que reforçam o ser menino e ser menina.

Por conseguinte, Casteleira e Maio (2021) auxiliaram a compreender os enunciados nas relações de poder. Moscovici, com a teoria da atribuição, auxiliou na compreensão do discurso pautado na causalidade de direita e esquerda e, por último, Corsaro, com a discussão de cultura de pares infantis e reprodução interpretativa, permitiu compreender as relações e interações que ocorrem entre as crianças e sem a mediação dos adultos. Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar os discursos realizados por um grupo de crianças a respeito de gênero, política e poder de consumo por meio de observação *in loco*.

2. Materiais e Métodos

Para produção dos dados deste estudo de caso, foi realizada observação participante em uma sala de aula do 3º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Ji-Paraná/RO. As observações ocorreram nos dias 14/11/2022 a 18/11/2022 e 23/11/2022

a 25/11/2022, no período matutino, das 7h15 às 11h30. Segundo Gil (2009, p. 74), “a observação participante consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, da organização ou do grupo em que é realizada a pesquisa”. Para poder observar com maior amplitude e deixar as crianças mais à vontade, principalmente nos contatos iniciais, o pesquisador ficou posicionado em local estratégico, na última carteira da fila central da sala de aula.

Deste modo, para garantir riqueza de detalhes, o registro de campo foi realizado concomitante à observação, na qual se utilizou o diário de campo para anotar as situações observadas e diálogos entre as crianças. Conforme Gil (2008, p. 106), “o instrumento de registro pode assumir diferentes níveis de estruturação. Em algumas pesquisas é bastante aberto conferindo ao pesquisador ampla liberdade para proceder as anotações”.

A partir da observação e registro de campo foi possível identificar quatro narrativas, nomeadas da seguinte forma¹: 1 – Dia de feriado, referente ao que fizeram nos dias de feriado; 2 – Gênero e cores, diálogo das crianças sobre cores de meninos e cores de meninas; 3 – Política e eleição, referente a discursos políticos frutos do período eleitoral; e 4 – Épocas e poder de consumo, no qual uma criança traz a narrativa referente ao poder de consumo em épocas diferentes.

Essa pesquisa só foi possível de ser realizada após o consentimento da direção da escola, da professora, bem como das crianças que autorizaram a presença do pesquisador no ambiente da sala de aula. Para resguardar a identidade das crianças, elas foram nomeadas neste trabalho com nomes fictícios.

3. Resultados e Discussão

A narrativa 1 (dia de feriado) contempla o diálogo entre as crianças a respeito do que fizeram nas datas 21/11/2022 e 22/11/2022. Nessa narrativa um menino disse: *“Aproveitei bastante, fiz o que mais gosto, escolinha de futebol!”*. Posteriormente, seu colega apresentou sua experiência: *“Não gostei, porque em casa não tem muito o que fazer”*. Em seguida, sua amiga argumenta que *“Tem, sim, mexer no celular, jogar, gravar vídeos e várias outras coisas... e não precisa fazer tarefa!”*.

No diálogo das crianças a respeito do feriado não apareceu a presença de adultos e apenas uma criança relatou que foi ao parque: *“Eu fui no parquinho com minha irmãzinha e meus pais. Gostei muito”*. Essas falas podem indicar que estar em casa para algumas crianças é ter ausência do que fazer; para outras, realizar suas atividades favoritas e lazer. Contudo, a ausência de adultos nos relatos explicita um distanciamento na relação adulto/criança em suas atividades favoritas, seja por conta da tecnologia ou da rotina de trabalho dos pais.

Já a narrativa 2 (Gênero e cores) diz respeito ao diálogo entre as crianças sobre “cores de menino” e “cores de meninas”. O evento iniciou quando “Rapunzel” apontou para o colega e indagou: *“Rosa é cor de menina! Por que tem rosa no seu tênis?”*, o que, em seguida, rebateu, dizendo que *“Rosa é uma cor, qualquer um pode usar, não tem disso de cor de menino e menina. Minha mãe me disse todo mundo pode usar”*. Foi possível observar que naquele momento grande parte das crianças concordaram com a fala do menino, e um número menor de crianças discordava, dizendo haver cores masculinas e femininas.

Nota-se na fala das crianças a reprodução cultural da dicotomia de gênero do que é ser menino e o que é ser menina, na qual socialmente compartilha-se a ideia de que determinadas cores e objetos são “masculinos” e, outros, “femininos”. Segundo Balisnei (2021), há um “Projeto de masculinização dos meninos” e um “Projeto de feminilização das meninas”, em que se busca, desde cedo, a adequação da norma heteronormativa, binária e cisgênero. O autor aponta que esse processo se dá por meio dos enunciados dos adultos para com as crianças, de como agir de acordo com seu gênero, e que:

¹Como supracitado inicialmente, o material apresentado é um fragmento de um trabalho maior (monografia), e foi nomeado e dividido em quatro narrativas neste artigo, para melhor compreensão do leitor no decorrer do texto.

Somadas aos artefatos da cultura visual - tais como cores, brinquedos, roupas, acessórios, sapatos, produtos alimentícios, materiais escolares, jogos, brincadeiras, móveis e talheres - essas e outras frases operam em concordância aos projetos de masculinização dos meninos e aos projetos de feminilização das meninas. Tais projetos ensinam às crianças que, para serem reconhecidas como meninos ou meninas, precisam fazê-lo de maneiras específicas e não naturais, portanto, forjadas e performativas (Baliscei, 2022, p. 19).

Deste modo, desde a infância, as crianças são “treinadas” como ser menino e ser menina. Segundo Duvenn (2013, p. 213), “a força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como a menina ou como menino desenvolvendo identidades sociais específicas”. O autor aponta que desde a infância e até mesmo na fase uterina ocorre uma construção em volta do gênero da criança, isso devido à representação social de gênero. Tais elementos de classificação e constituição de um ser de gênero não passam despercebido pelas crianças e, frequentemente, estão presentes nas narrativas e brincadeiras das crianças. Segundo Baliscei (2000, p. 25),

São muitas as práticas culturais que, associadas ao heteroterrorismo, tentam generificar os corpos das crianças, o quanto antes possível. Criam uma espécie de cultura visual generificante, a qual atribui aos meninos e às meninas marcas não dúbias para não deixar dúvidas quanto ao gênero a partir do qual eles e elas são socializados/as. Furam-se as orelhas delas, as deles não. Cortam-se os cabelos deles, os delas não. Pintam-se as unhas delas, as deles não. Eles usam gravatas, elas não. Elas usam saias, eles não.

De forma “silenciosa”, os corpos e a maneira de agir são outorgados pelos adultos. Contudo, o que é estabelecido como padrão/norma é o binarismo de gênero, cisnormatividade e heteroafetividade, isso devido às relações de poder que se estabelecem na sociedade patriarcal. Segundo Casteleira e Maio (2021, p. 4), “os enunciados não emergem do nada, pois refletem intencionalidades de quem os elabora, e tampouco estão apartados de outros enunciados: laudos, exames escolares, normativas, uniformes, gestos, performatividades de gênero etc.”. Os enunciados se conectam com as estruturas políticas, sociais e culturais, regulamentando e estruturando um padrão a ser seguido (Casteleira; Maio, 2021).

Por conseguinte, o enunciado “rosa é cor de menina” não passou despercebido pelas crianças observadas, que logo em seguida problematizaram e compartilharam majoritariamente a concepção de que cor não tem gênero. É necessário observar que, na narrativa apresentada, a criança que usa a cor rosa pontua na fala o ensinamento da mãe, que é desviante do que é tido como norma culturalmente pela sociedade cisgênero e heteronormativa. Outro fator marcante é o espaço rico de diálogo e compartilhamento que a cultura de pares proporciona às crianças.

A narrativa 3 (Política e eleição) surgiu em um momento em que as crianças dialogavam sobre a aquisição de um automóvel do pai de uma das crianças, bem como representações sociais de discursos políticos que foram difundidos em campanhas políticas no ano de 2022, na eleição para presidência do Brasil. Tais representações foram construídas dentro de cenário político acirrado na qual foram veiculadas grandes quantidades de Fake News, com o intuito de persuasão e convencimento da massa. A conversa iniciou quando uma menina da turma proferiu que: “Se o pai dele comprar um carro, é mérito dele” e “Se o Lula ganhar, se a esquerda ganhar... você vai ter que comer o seu cachorro”. A palavra “mérito”, a respeito da aquisição de um carro, e “comer o seu cachorro”,

referente ao resultado no caso de vitória do candidato de esquerda, mostra o compartilhamento e adesão do discurso político ao qual a criança teve acesso.

Outro discurso feito por um garoto possuía uma outra incumbência, frisada nos termos “*caro por causa da política*” e “*nós ou o país deve ajudar*”. O primeiro surgiu na fala: “*Antigamente, o sorvete era mais barato. Meu tio também disse, acho que é... por causa da política*”, já o segundo foi em réplica à narrativa da garota citada anteriormente: “*Carne de cachorro não é de comer, se alguém estiver com fome, nós ou o país deve ajudar*”. Neste sentido,

Classes dominantes e dominadas não possuem uma representação igual à do mundo que elas compartilham, mas o veem com olhos diferentes, julgam-nos de acordo com os critérios específicos e cada uma faz isso de acordo com suas próprias categorias. Para as primeiras o indivíduo é que é responsável por tudo o que lhe acontece e especialmente por seus fracassos. Para segundas, os fracassos se devem sempre as circunstâncias que a sociedade cria para o indivíduo (Moscovici, 2015, p. 87).

Conforme apontado pelo autor, as atribuições às causas podem ser interpretadas por responsabilidade do indivíduo, ou pelo meio/sociedade, em que classifica como causalidade de direita e causalidade de esquerda. Assim, “nas sociedades em que vivemos hoje, a causalidade pessoal é uma explicação de direita e a causalidade situacional é uma explicação de esquerda” (Moscovici, 2015, p. 86). Quando aproximado à narrativa 3 apresentada, percebe-se que um dos discursos da menina é pautado no ideal de meritocracia, uma causalidade pessoal/de direita. Enquanto na fala do garoto há um discurso ancorado no outro, no qual a culpa se recai na política e na necessidade da ação de terceiros, uma causalidade situacional/de esquerda.

Quanto à narrativa 4 (Épocas e poder de consumo), surgiu na sala de aula quando as crianças dialogavam sobre preço de produtos. A criança que escolheu ser chamada na pesquisa como Naruto compartilhou que havia ido à sorveteria no dia anterior, e completou, dizendo que o sorvete estava caro: “*A bola de sorvete está tão caro. Antigamente, era mais barato*” e “*Meu tio disse que na época dele era bem baratinho, acho que deve ser aquele negócio... qual é o nome mesmo?*”. Como a criança não se recordava, indaguei se era a inflação, e ele respondeu: “*Sim, a inflação. Esse negócio deixa tudo mais caro, né? Eu vi na TV*”. Percebe-se no discurso da criança a percepção de preço e como ele interfere no consumo de bens e produtos, bem como a procura de causas para justificar ou compreender o aumento de valor, neste episódio com o auxílio de telejornal/TV. Conforme Corsaro (2011, p. 31-32),

[...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações. O termo *reprodução* inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudanças culturais. O termo também sugere que as crianças estão, por sua própria participação na sociedade, restritas pela estrutura social existente e pela reprodução social. Ou seja, a criança e sua infância são afetadas pelas sociedades e culturas que integram.

As narrativas observadas nas relações de pares das crianças reforçam o indicativo apontado por Corsaro (2011, p. 16), uma vez que na reprodução interpretativa “as crianças contribuem ativamente para preservação (ou reprodução) e para mudança social”. Desse modo, em suas relações cotidianas, as crianças compartilham e contribuem ativamente nas situações e diálogos que surgem com seus pares, bem como dividem suas

frustrações, medos, incertezas, representações e elementos da cultura na qual estão inseridas (Corsaro, 2009). Ao ouvir os diálogos das crianças nas suas relações de pares, sem a presença de um adulto para mediar, foi possível perceber como elas incorporam o repertório dos adultos, bem como elas ressignificam no seu cotidiano e utilizam do poder de *influência/persuasão*.

É de suma importância frisar que foi possível observar com riqueza de detalhes as narrativas crianças graças à percepção que elas tiveram do pesquisador, como um adulto atípico. Segundo Corsaro (2011), adulto atípico seria um adulto que é recebido pelas crianças como um igual, em que são superadas barreiras físicas como idade, altura, diferenças culturais etc. Em momentos da observação, as crianças indagavam quando minha mãe iria me buscar, já que os pais das outras crianças começavam a chegar no findar da aula, além de me convidar para participar das suas atividades.

As crianças são sujeitos sociais ativos, que não apenas “consomem” e são atravessadas pela cultura dos adultos, mas produzem e até mesmo ressignificam elementos culturais em suas culturas de pares (Corsaro, 2011). Desse modo, as narrativas apresentadas não apenas reforçam esse indicativo, mas possibilitaram perceber que a maioria das crianças observadas problematizaram e não concordaram com o enunciado e imposição da sociedade. Portanto, no que diz respeito a cores de meninos e cores de meninas, as crianças foram na contramão do que é colocado como norma/padrão do patriarcado, cisgênero e heteronormativo.

Cabe ressaltar o espaço potente da escola enquanto lugar da diversidade, visto que é nela que muitas crianças têm a oportunidade de conviver e aprender com o outro e com aqueles que não compartilham de uma mesma realidade, bem como modo de pensar. Qual outro espaço essas crianças teriam liberdade de dialogar como o que foi observado sem interferência do conservadorismo adulto? Por último, as crianças observadas demonstraram um movimento inclusivo tanto em seus discursos como na prática, pois uma colega da turma era surda e todos faziam questão de se comunicar e incluí-la a todo momento, além de aprenderem Libras para se comunicar com a colega.

Agradecimentos: À UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia/Campus de Ji-Paraná. Às escolas públicas municipais de Ji-Paraná. Às crianças que aceitaram a realização da pesquisa. À FAPERÓ – Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia.

Conflitos de interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Referência bibliográfica

- BALISCEI, J. P. (2022). “Parabéns, é uma criança!”: cultura visual (heteroterrorizante) nos chás de revelação. In: *É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação*. Bagai, Curitiba, p. 18 – 31, 259 pp.
- CASTELEIRA, R. P.; MAIO, E. R. (2021). Apagamentos de corpos: educação, corpo-enunciado e resistências. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e226976. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226976>.
- CORSARO, W. (2011). *Sociologia da Infância*. Artmed, Porto Alegre, 384 pp.
- CORSARO, W. (2009). Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In: *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. Müller, F.; Carvalho, A. M. A (orgs.). Cortez, São Paulo, 216 pp.
- DUVENN, G.; GUARESCHI, P.(org.). *Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em andamento*. (2013). In: *Textos em representações sociais*. Vozes, Petrópolis, 262 pp.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (2008). Atlas, São Paulo, 200 pp.
- GIL, A. C. *Estudo de caso*. (2009). 6 ed. Atlas, São Paulo, 148 pp.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. (2015). Vozes, Petrópolis, 404 pp.

SANTOS, V. M. (2023). Representações sociais de escola, casa e rua compartilhadas por um grupo de crianças da cidade de Ji-Paraná/Rondônia. Orientadora: Naiara dos Santos Nienow, 2023. 85 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Pedagogia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, Departamento Acadêmico de Ciências Humanas e Sociais.